

Para meus pais, com amor.

CAPÍTULO UM

O sol era uma deslumbrante bola luminosa que inundava a pequena sala de Chloe, tornando-a quente como um forno. Ao inclinar o corpo para se aproximar de Bethany Bridges, Chloe sentiu uma gota de suor sob seu vestido de algodão fazer um caminho desatento por sua espinha dorsal, como um pequeno besouro. Ela enfiou um alfinete em uma grossa prega de seda branca, puxou com força o tecido contra a pele de Bethany e sentiu a garota arfar, assustada.

Estava quente demais para se trabalhar, pensou Chloe, afastando-se e tirando da testa mechas do cabelo fino e claro. Certamente quente demais para se ficar nesta sala abafada, forçando uma garota ansiosa e acima do peso a entrar em um vestido de casamento quase dois manequins abaixo do dela. Chloe olhou o relógio pela centésima vez e sentiu um leve sobressalto de animação. Estava quase na hora. Em alguns minutos o táxi chegaria, colocando um ponto final naquela tortura e marcando oficialmente o início das férias.

Estava louca de ansiedade; tomada por uma desesperada necessidade de fuga. Seria apenas uma semana, mas isso já era o bastante. Uma semana tinha que ser o bastante.

Longe, pensou, fechando os olhos durante alguns segundos. *Longe de tudo*. Desejava tanto esse momento que isso quase a assustava.

– Certo – disse ela, abrindo os olhos e piscando.

Por um instante mal conseguia se lembrar do que estava fazendo; não conseguia sentir nada além do calor e da fadiga. Ficara acordada até as 2 da manhã fazendo bainha em três vestidinhos de damas de honra para atender um pedido de última hora. A seda, em um horrível padrão cor-de-rosa escolhido pela noiva, ainda parecia dançar na frente dos seus olhos; seus dedos continuavam doloridos dos furos da agulha.

– Certo – repetiu, tentando demonstrar profissionalismo.

Com o olhar concentrado na pele úmida de Bethany, que saltava por cima do vestido como um bolo que cresceu demais, ela fez uma careta mental. Depois, virou-se para a mãe de Bethany, que estava sentada no pequeno sofá observando tudo com os lábios comprimidos, e disse:

– Isto é o máximo de ajuste que eu consegui fazer. Mas continua muito apertado... Como se sente, Bethany?

As duas mulheres viraram-se para Bethany, cujo rosto tornava-se lentamente marrom-arroxeadado.

– Não consigo respirar – arquejou a garota. – As minhas costelas...

– Ela vai ficar bem – disse a Sra. Bridges, apertando os olhos ligeiramente. – Você só precisa fazer uma dieta, Bethany.

– Estou passando mal – sussurrou Bethany. – É sério, não consigo respirar.

Em um desespero silencioso, ela olhou para Chloe, que sorriu diplomaticamente para a Sra. Bridges.

– Eu sei que este vestido é muito especial para você e para a sua família. Mas se realmente está pequeno demais para Bethany...

– Não está pequeno demais! – irritou-se a Sra. Bridges.
– Ela é que está grande demais! Quando usei esse vestido, eu tinha cinco anos a mais do que ela. E ficava frouxo no meu quadril.

Involuntariamente, Chloe olhou para o quadril de Bethany, que pressionava a costura do vestido como um imenso manjar branco.

– Em mim não está frouxo – declarou Bethany sem rodeios. – Está horrível, não está?

– Não! – respondeu Chloe imediatamente. – Claro que não. É um vestido lindo. Você apenas... – ela pigarreou – ... só parece um pouco desconfortável nas mangas... e talvez na cintura...

Ela foi interrompida por um barulho na porta.

– Mãe! – O rosto de Sam surgiu. – Mãe, o táxi chegou. E eu estou *derretendo*.

Ele limpou o suor da testa com a camiseta, expondo um torso magro e bronzeado.

– Já? – perguntou Chloe, olhando o relógio. – Bem, avise ao seu pai, está bem?

– Pode deixar – disse Sam.

Seus olhos deslocaram-se para a deprimente figura atada de Bethany e uma risada agourenta começou a surgir no rosto do garoto de 16 anos.

– Obrigada, Sam – disse Chloe rapidamente, antes que ele pudesse dizer alguma coisa. – Então... então vá e avise ao seu pai que o táxi chegou. E veja o que o Nat está fazendo.

A porta se fechou atrás dele e ela suspirou aliviada.

– Certo – disse Chloe, despreocupadamente. – Bem, eu preciso ir. Então, acho que podemos deixar como está por hoje. Se você *realmente* pretende usar este vestido...

– Ela vai entrar nele – cortou a Sra. Bridges em um tranqüilo tom ameaçador. – Terá apenas que fazer um esforço. Sabe como é, não se pode ter duas coisas ao mesmo tempo! – Bruscamente, ela se virou para Bethany. – Não se pode comer bolo com calda de chocolate toda noite e entrar num manequim 38!

– Algumas pessoas conseguem – argumentou Bethany, desconsolada. – Kirsten Davis come tudo o que gosta e é manequim 36.

– Então ela é sortuda – replicou a Sra. Bridges. – A maioria das pessoas não tem tanta sorte. Temos que fazer uma escolha. Temos que exercer o *autocontrole*; fazer *sacrifícios* na vida. Não é, Chloe?

– É – respondeu Chloe. – Acho que sim. De qualquer maneira, como expliquei antes, estou saindo de férias hoje. E o táxi acabou de chegar para nos levar a Gatwick. Então, se pudermos marcar...

– Você não vai querer ficar igual a um porco gordo no dia do seu casamento! – exclamou a Sra. Bridges. Para espanto de Chloe, a mulher se levantou e começou a torcer a flácida carne da filha. – Veja isto! De onde veio tudo isto?

– Aaaai! – gritou Bethany. – Mãe!

– Sra. Bridges...

– Você quer parecer uma princesa! Toda moça quer fazer o esforço de estar em sua melhor aparência no dia do casamento. Tenho certeza de que foi assim com você, não foi? – O olhar fixo e penetrante da Sra. Bridges aterrissou

em Chloe. – Tenho certeza de que você fez de tudo para parecer o mais bonita possível no dia do seu casamento, não foi?

– Bem – disse Chloe. – Para falar a verdade...

– Chloe? – O cabelo escuro e encaracolado de Philip surgiu na porta. – Desculpe interromper, mas realmente temos que ir. O táxi está esperando...

– Eu sei – assentiu Chloe, tentando não demonstrar o nervosismo. – Eu sei. Já estou indo... *assim que eu conseguir me livrar dessas malditas pessoas que chegam meia hora atrasadas e não percebem o quanto estão sendo inconvenientes* – completou ela apenas com o olhar, e Philip deu um aceno imperceptível com a cabeça.

– Como era o seu vestido de noiva? – perguntou Bethany com ar saudoso, assim que Philip foi embora. – Aposto que era maravilhoso.

– Eu não me casei – disse Chloe, pegando a caixa de alfinetes. Se ela conseguisse convencer a garota a desistir do vestido...

– O quê? – indignou-se a Sra. Bridges lançando os olhos a Bethany e ao redor da sala, repleta de pedaços de seda, como se suspeitasse de um truque. – Como assim, nunca se casou? Quem era aquele homem, então?

– Meu companheiro de longa data, Philip – disse Chloe, esforçando-se para ser educada. – Estamos juntos há 13 anos. – Ela sorriu para a Sra. Bridges. – Mais tempo do que muitos casamentos.

E por que é que estou dando explicações a você?, pensou Chloe, furiosa.

Porque três provas de roupa em Bethany mais seis vestidos de damas de honra valem mais de mil libras, respondeu prontamente o seu cérebro. *Além disso, só preciso ser educada por*

mais dez minutos. Posso aguentar dez minutos. Então, elas irão embora; e nós também. Por uma semana inteira. Sem telefonemas, sem jornais, sem preocupações. Ninguém sequer saberá onde estamos.

O AEROPORTO DE GATWICK estava abafado, cheio e barulhento, como sempre. As pessoas nas filas do voo fretado reclinavam-se desanimadas sobre seus carrinhos; crianças choramingavam e bebês berravam. O sistema de alto-falantes, de forma quase triunfante, anunciava um atraso após outro.

Nada disso incomodava Hugh Stratton, no check-in da classe executiva da Regent Airways. Ele tateou o bolso interno da jaqueta de linho, retirou quatro passaportes e os entregou à moça no balcão.

– Você está viajando com...

– Minha esposa. E minhas filhas – disse Hugh apontando para Amanda, que estava a alguns metros dele, falando ao celular, com as duas meninas agarradas à sua perna. Ao perceber o olhar do marido, ela se aproximou do balcão e se identificou.

– Amanda Stratton. E estas são Octavia e Beatrice.

– Ótimo – disse a moça, sorrindo. – Só preciso conferir.

– Desculpe, Penny – disse Amanda de volta ao telefone. – Antes de viajar, eu gostaria de verificar as cores para aquele segundo quarto...

– Aqui estão seus cartões de embarque. – A moça sorriu, entregando a Hugh a pequena pilha de documentos. – A sala de espera da classe executiva fica no andar superior. Boa viagem.

– Obrigado – disse Hugh. – Com certeza será uma boa viagem.

Ele sorriu, guardando os cartões de embarque no bolso, e foi em direção a Amanda, que ainda falava ao telefone, aparentemente sem perceber que estava atrapalhando o caminho dos passageiros na fila do check-in da classe econômica. Várias pessoas estavam à sua volta: os homens admiravam suas longas pernas bronzeadas, as mulheres olhavam, com inveja, para seu vestido tubinho da Joseph, as vovós sorriam para Octavia e Beatrice com seus macacões azuis combinando. Sua família parecia saída de uma revista, pensou Hugh de modo imparcial. Nenhuma imperfeição; nada fora do lugar.

– Tudo bem – dizia Amanda ao telefone quando ele se aproximou. Ela passou a mão bem cuidada pelo cabelo curto, escuro e brilhante e examinou as unhas. – Bem, desde que o linho chegue a tempo...

Só um minuto, ela sussurrou para Hugh, que assentiu com a cabeça e abriu o *Financial Times*. Se ela estava ao telefone com o decorador, a conversa iria demorar.

Havia pouco ficado decidido que vários cômodos de sua casa em Richmond deveriam ser redecorados, enquanto a família estivesse na Espanha. Quais cômodos exatamente, Hugh ainda não sabia. Como também não sabia por que alguma parte da casa precisava ser reformada; afinal, eles tinham mandado trocar tudo quando a compraram, três anos antes. Com certeza o papel de parede não deteriora tão rápido assim.

Mas quando Amanda o colocou a par do “projeto de reforma”, ficava óbvio que a decisão básica de reformar ou não já havia sido tomada. Também ficava claro que sua participação era meramente a de consultoria, na qual ele não tinha nenhum poder de veto. Aliás, nenhum poder executivo.

No trabalho, Hugh Stratton era o Chefe da Estratégia Corporativa de uma grande e dinâmica empresa. Tinha uma vaga cativa no estacionamento em frente ao edifício, um assistente pessoal atencioso e era admirado por um grande número de jovens executivos ambiciosos. Hugh Stratton, como era amplamente reconhecido, dominava como poucos a estratégia comercial no atual mundo dos negócios. Quando ele falava, as pessoas o ouviam.

Em casa, ninguém o ouvia. No conforto do lar, sentia-se como o acionista da terceira geração da família, onde lhe era permitido permanecer no conselho administrativo por motivos sentimentais e devido ao sobrenome, mas que, na realidade, na maior parte do tempo só incomodava.

– Tudo bem, ótimo – disse Amanda. – Eu voltarei a ligar durante a semana. *Ciao*. – Ela pôs o celular na bolsa e olhou para Hugh. – Certo. Desculpe.

– Tudo bem – assentiu Hugh educadamente. – Não tem problema.

Houve uma breve pausa, durante a qual Hugh sentiu o constrangimento de um anfitrião incapaz de preencher o silêncio durante o jantar.

Mas aquilo era ridículo. Afinal, Amanda era sua esposa. A mãe das suas filhas.

– O que ficou resolvido? – perguntou ele, pigarreando.

– A babá chegará ao meio-dia – respondeu Amanda, olhando o relógio. – Espero que ela seja boa.

– Ela foi recomendada pela babá que trabalha para a Sarah, não é? – perguntou Hugh, tomando ansiosamente o fio da conversa.

– Bem... – disse Amanda. – Sim, ela recomendou. Mas esses australianos recomendam uns aos outros. Não significa que sejam boas indicações.

– Tenho certeza de que ela é boa – disse Hugh, tentando parecer mais confiante do que realmente se sentia.

Desde que ela não seja como a garota da Ucrânia, que veio para trabalhar como babá mas chorava toda noite no quarto e acabou indo embora depois de uma semana. Hugh nunca descobrira exatamente o que acontecera, já que a moça não aprendeu a falar inglês e seu último lamento tinha sido em russo.

– É. Espero que sim.

Havia um tom ameaçador na voz de Amanda, e Hugh sabia exatamente o seu significado: *Poderíamos ter ido ao Club Med, que tem o serviço de baby-sitting, e evitado todo este trabalho.* Significava também: *Espero que essa casa na Espanha atenda as expectativas.* Ou ainda: *Se algo der errado, a culpa é sua.*

– Então – disse Hugh apressadamente. – Você quer... um café? Quer comprar alguma coisa?

– Para falar a verdade, acabei de perceber que não trouxe a minha bolsa de maquiagem. – A testa de Amanda franziu ligeiramente. – Que droga. Eu simplesmente esqueci de colocá-la na mala esta manhã.

– Certo! – disse Hugh cordialmente. – Projeto Maquiagem. – Ele sorriu para Octavia e Beatrice. – Vamos ajudar a mamãe a escolher maquiagem?

– Não preciso escolher – disse Amanda assim que os três fizeram menção de se mover. – Sempre uso a mesma coisa: base e batom da Chanel, lápis de olho e rímel da Lancôme, sombra da Bourjois número 89... Octavia, por favor, pare de empurrar. Graças a Deus guardei o filtro solar separadamente... Octavia, pare de empurrar Beatrice! – Sua voz aumentou, exasperada. – Essas *crianças*...

– Se você quiser, eu posso levá-las a algum lugar enquanto você vai até a loja – sugeriu Hugh. – Beatrice? Quer vir com o papai?

Ele estendeu a mão para a filha de 2 anos, que choramingava e se agarrava à perna da mãe.

– Não se preocupe – disse Amanda, revirando os olhos.
– Vamos só dar um pulinho na Boots. Mas o que eu vou fazer se eles não tiverem Chanel...

– Vá sem nada – sugeriu Hugh, olhando o corpo bronzeado da esposa. – Vá nua.

Amanda lançou-lhe um olhar inexpressivo.

– Vá *nua*? O que você quer dizer com isso?

– Nada – disse Hugh após uma pausa, e forçou um sorriso. – Foi só uma piadinha.

O SOL PARECIA ZOMBAR de Philip no chão quente, enquanto ele passava as malas para um suado motorista de táxi não oficial. Era o mês de julho mais quente dos últimos vinte anos na Inglaterra: dia após dia de calor intenso, estilo mediterrâneo, que pegara agradavelmente o país de surpresa. Para quê viajar para o exterior?, os estranhos perguntavam-se, de modo convencido, nas ruas.

E ali estavam eles, indo para uma casa desconhecida na Espanha.

– Mais bagagens? – perguntou o motorista, levantando-se e esfregando a testa.

– Não sei – disse Philip, virando-se em direção à casa.
– Chloe?

Não houve resposta. Philip deu meio passo em direção à casa e logo parou, tomado pela apatia do calor. Estava quente demais para andar 3 metros, imagine centenas de quilômetros. Por que será que eles estavam demorando tanto? Que *ideia* fora essa de organizar férias na Espanha, com tantas outras opções?

– Não se apresse – disse o motorista confortavelmente, recostando-se no carro.

Uma menina de patins passou por eles, olhando curiosa por cima do seu pirulito, e Philip se viu retribuindo o olhar de modo ressentido. Sem dúvida, ela estava a caminho do refúgio de algum gramado fresco e sombreado. Algum jardim inglês, verde e agradável. Ao passo que ele tinha que ficar ali, sob o calor escaldante, sem expectativa, exceto por uma viagem desconfortável em um Ford Fiesta sem ar-condicionado, seguida por outra viagem ainda mais desanimadora em um avião lotado. E depois disso, o que viria?

“O paraíso”, como Gerard denominara sua casa de campo, tremulando um copo de conhaque no ar. “Puro Paraíso da Andaluzia, meus queridos. Vocês vão adorar.” Mas Gerard era um sommelier, portanto, palavras como “paraíso”, “néctar” e “ambrosia” eram proferidas muito corriqueiramente. Se ele podia descrever um sofá Habitat perfeitamente comum como “transcendental”, e havia registro de que ele o fazia, então o que esperar dessa casa de campo tida como “Paraíso”?

Todo mundo sabia o quanto Gerard era desorganizado e o quanto ficava perdido quando se tratava de coisas práticas. Ele afirmava ser disléxico para coisas do tipo “faça você mesmo”; incapaz de trocar uma lâmpada, muito menos manejar um martelo. “O que *é* exatamente uma bucha?”, ele costumava perguntar aos seus hóspedes, erguendo as sobrancelhas, esperando pelas gargalhadas. Quando uma pessoa estava no seu luxuoso apartamento de Holland Park, bebendo seu vinho caro, essa ignorância sempre parecia apenas mais um dos seus divertidos maneirismos. Mas o que isso tinha a ver com essa viagem? De repente, imagens

de encanamento entupido e gesso esfarelado começaram a povoar a mente de Philip e ele franziu o cenho. Talvez não fosse tarde demais para desistir da ideia. Pelo amor de Deus, o que estas férias poderiam oferecer que não pudesse ser obtido, e a um custo muito menor, com uma curta viagem a Brighton e uma noite em um bar de tapas?

Ao pensar nas despesas, seu coração começou a disparar e ele respirou profundamente. Porém, alguns sinais do pânico suprimido começavam a escapar, procurando um lugar para se alojarem em sua mente. Quanto eles gastariam nestas férias? Qual seria o total, incluindo todos os passeios e as despesas extras?

Não muito no contexto mais amplo, ele repetiu para si mesmo com firmeza, pela centésima vez. Não muito em comparação com as extravagâncias de outras pessoas. Se tudo corresse conforme o planejado, se não houvesse nenhuma surpresa, estas seriam férias modestas, despreziosas.

Mas por quanto tempo tudo correria conforme o planejado?

Tomado por uma nova onda de medo, ele fechou os olhos tentando se acalmar, tentando esvaziar a mente dos pensamentos que o atacavam sempre que ele se permitia baixar a guarda. Ele prometera a Chloe que tentaria relaxar nesta semana; eles tinham combinado que sequer tocariam nesse assunto. Seria uma semana de fuga em todos os níveis. Deus sabia o quanto eles precisavam disso.

O taxista acendeu um cigarro. Philip suprimiu o desejo de pedir um e olhou o relógio. Ainda estava cedo para o voo, mas mesmo assim...

– Chloe? – chamou ele, dando um passo em direção à casa. – Sam? Vocês estão vindo?

Houve um momento de silêncio, durante o qual o sol pareceu mais forte do que nunca. Então, a porta da frente se abriu e Sam apareceu, seguido de perto por Nat, o filho de 8 anos. Os dois garotos estavam usando bermudas de surfe largas, óculos escuros de armação fechada e andavam com a atitude arrogante típica dos adolescentes.

– E aí? – disse Sam, confiante, dirigindo-se ao taxista.

– E aí, pai?

– E aí? – repetiu Nat com sua voz aguda.

Ambos colocaram suas bagagens no porta-malas e se sentaram no muro do jardim, com seus fones de ouvido.

– Nat e Sam – disse Philip. – Vocês poderiam entrar no carro, por favor?

Houve silêncio. Era como se eles estivessem em outro planeta.

– Nat, Sam – repetiu Philip, levantando a voz com firmeza. Ele olhou para o taxista que o observava com ar cínico e rapidamente desviou o olhar. – Entrem no carro!

– Não tem pressa – disse Sam, dando de ombros.

– Sam, nós vamos viajar. O avião sai em... – Philip diminuiu o tom e, sem muita convicção, olhou o relógio. – Não importa.

– A mamãe nem está pronta – argumentou Sam. – A gente entra no carro quando ela chegar. Sem estresse – disse ele, calmamente sentado no muro, enquanto Philip o observava um pouco impressionado, apesar de sua irritação.

Na verdade, ele pensou, Sam não estava deliberadamente criando empecilhos ou agindo de modo impertinente. Ele apenas acreditava que sua opinião era tão importante como a de qualquer adulto. Aos 16 anos, achava que o mundo era tão seu quanto de qualquer outra pessoa. Um pouco mais, talvez.

Provavelmente ele tinha razão, pensou Philip, ressentido. Talvez, nos dias de hoje, o mundo realmente pertencesse aos jovens, com sua linguagem de computador, colunistas adolescentes e milionários da internet; com sua demanda por velocidade, novidade e imediatismo. Tudo era imediato, tudo era on-line, tudo era fácil. E os seres humanos lentos e desnecessários eram simplesmente rejeitados, como as partes obsoletas de um hardware.

Um desconforto familiar surgiu no peito de Philip, e para desviar a atenção ele pôs a mão no bolso interno da jaqueta e verificou os quatro passaportes. Pelo menos eles ainda não tinham posto *isto* no computador, pensou de forma primitiva. Estes eram verdadeiros, sólidos e insubstituíveis. Ele folheou os documentos lentamente, olhando cada fotografia. Primeiro a dele, tirada no ano anterior, embora parecesse uns dez anos mais jovem. Em seguida, a foto de Nat, aos 4 anos, com os olhos arregalados e apreensivos. Depois, a de Chloe, aparentando uns 16 anos, com os mesmos olhos azuis de Nat e o mesmo cabelo fino e loiro. Finalmente a de Sam aos 12 anos, bronzeado e sorrindo despreocupado para a câmera. “Samuel Alexander Murray”, atestava o passaporte.

Philip fez uma pausa, fitando com ternura o semblante irreprimível de Sam aos 12 anos. Samuel Alexander Murray.
S. A. M.

Eles haviam trocado oficialmente o sobrenome Harding quando ele tinha 7 anos e Chloe engravidara de Nat.

– Não quero que os meus filhos tenham nomes diferentes – sentenciara ela, com a voz chorosa e sensibilizada pela gravidez. – Não quero que sejam diferentes. E, agora, você é o pai do Sam.

– Claro que sou – assentira Philip, tomando-a nos braços. – É claro que sou o pai dele. Eu sei disso, e o Sam também. Mas o *nome*... isso é irrelevante.

– Não importa. Eu faço questão. – Seus olhos estavam cheios de lágrimas. – É muito importante para mim, Philip.

E assim foi feito. Por mera educação, ela entrou em contato com o pai biológico de Sam, que era professor na Cidade do Cabo, para colocá-lo a par da troca no nome de Sam. Resumidamente, ele respondeu que não se incomodava com o nome que dariam à criança. Pediu apenas que Chloe mantivesse sua parte do acordo e não fizesse contato novamente.

Assim, eles preencheram os formulários e registraram Sam como Murray. E, para surpresa de Philip, embora se tratasse de uma mudança superficial, ele se viu estranhamente afetado diante do fato de um garoto de 7 anos – com quem não tinha laços consanguíneos – passar a ter seu nome. Chegaram inclusive a abrir uma garrafa de champanhe para comemorar. De certo modo, essa havia sido a coisa mais próxima de um casamento que tiveram.

Seus pensamentos foram interrompidos quando a porta da frente se abriu, e ele viu Chloe conduzir suas últimas clientes até a rua: uma moça corada usando bermuda e uma mãe irritável que por um breve momento lhe lançou um olhar desconfiado. Ao lado da dupla, com seu vestido folgado de algodão, Chloe parecia calma e serena.

– Pense nisso, Bethany – dizia ela. – Tchau, Sra. Bridges. Foi bom vê-la novamente.

Houve um silêncio educado, enquanto a mulher e a garota andaram em direção ao Volvo. Quando as duas fecharam as portas do carro, Chloe suspirou.

– Finalmente! – Ela olhou para Philip, com os olhos iluminados. – Finalmente! Nem consigo acreditar que está tudo pronto.

– Então você ainda pretende ir – disse Philip, brincando, mas com uma parcela de verdade.

– Seu bobo – disse Chloe com um largo sorriso. – Vou só pegar a minha mala...

Ela entrou na casa e Philip olhou para Sam e Nat.

– Muito bem, vocês dois. Podem entrar no táxi agora ou vamos deixá-los aí mesmo. A escolha é de vocês.

A cabeça de Nat fez um gesto nervoso e ele lançou os olhos ao irmão mais velho. Houve uma breve pausa. Então, sem demonstrar preocupação, Sam levantou-se, sacudiu o corpo como um cachorro após um banho e se dirigiu lentamente ao carro. Com uma nítida expressão de alívio, Nat o seguiu e colocou o cinto de segurança. O taxista ligou o motor e a voz alegre de um locutor cortou o silêncio da rua.

– Tudo bem! – Chloe apareceu ao lado de Philip, ligeiramente corada, segurando uma enorme mala de vime. – Tranquei tudo, portanto estamos prontos! Espanha, lá vamos nós.

– Ótimo! – disse Philip, tentando demonstrar um entusiasmo semelhante. – Espanha, lá vamos nós.

Chloe olhou para ele.

– Philip... – ela começou e suspirou. – Você prometeu que tentaria...

– Curtir as férias.

– Exato! Só para variar?

Houve silêncio.

– Desculpe – disse Chloe, coçando a testa. – Isso não é justo. Mas... Eu realmente preciso de férias, Philip. Nós

dois precisamos... Ficar longe de casa e... e das pessoas... e...

– E... – disse Philip, sem completar a frase.

– Isso mesmo – disse Chloe, olhando nos olhos dele. – Isso acima de tudo. Apenas por uma semana, eu nem quero pensar sobre isso.

Ouviu-se o barulho de um avião, e, embora estivessem acostumados com o trajeto aéreo, eles involuntariamente inclinaram a cabeça para olhar para a aeronave.

– O relatório fica pronto esta semana – disse Philip, olhando para o céu azul. – A decisão será tomada, de um jeito ou de outro.

– Eu sei – disse Chloe. – E você sabe que não há absolutamente nada que possa fazer a respeito, a não ser preocupar-se, ficar obcecado e desenvolver uma úlcera. – Ela franziu a testa. – Trouxe seu celular?

Após um momento de hesitação, Philip o tirou do bolso. Chloe tomou o aparelho das mãos do companheiro, foi até o portão de casa e o colocou na caixa de correio.

– Estou falando sério, Philip – disse ela, virando-se para ele. – Não vou permitir que nada estrague essas férias.

Ela foi até o táxi e abriu a porta.

– Agora, vamos.

CAPÍTULO DOIS

A babá estava atrasada. Conforme o combinado, Amanda estava à mesa do Costa Coffee tamborilando os dedos, suspirando impaciente e olhando, a cada momento, para o monitor.

– Eles já vão embarcar – dizia ela repetidamente. – Temos que ir. O que devemos fazer? Abordar cada garota de 20 anos que vimos no avião e perguntar se ela se chama Jenna?

– A poltrona dela é do lado da nossa – lembrou Hugh com delicadeza. – Vai ficar bastante fácil descobrirmos quem ela é.

– Sim, mas esse não é o problema – disse Amanda, inquieta. – Tínhamos combinado que ela teria um primeiro contato com as meninas antes do voo. Então, *ela* cuidaria delas e nós poderíamos relaxar... Estava tudo acertado! Realmente, não sei por que... – Ela parou de falar assim que o celular começou a tocar. – Deus, permita que não seja ela.

Faça com que não seja ela ligando para cancelar; era só o que faltava. Alô? – A expressão de Amanda ficou mais tranquila. – Ah, Penny. Graças a Deus. – Amanda virou para o outro lado e tapou o outro ouvido com a mão. – Tudo bem? A moça da pintura chegou? Como não?

Hugh bebeu um gole do seu café e sorriu para Octavia e Beatrice, que, em silêncio, devoravam um pacote de biscoitos.

– Empolgada com as férias, Octavia? – perguntou ele.
– Octavia?

A menina olhou inexpressivamente para ele, esfregou o nariz e comeu outro biscoito. Hugh pigarreou.

– Qual é a sua matéria preferida na escola? – ele tentou, mais uma vez sem resposta.

Será que crianças de 5 anos têm matérias na escola?, ele se perguntou tardiamente. Pelo menos ele sabia que ela ia à escola. Claremount House, 1.800 libras o período, mais almoço, aulas de teatro e outras atividades. O uniforme era verde-escuro.

Ou azul-escuro. Definitivamente verde-escuro ou azul-escuro.

– Sr. Stratton?

Hugh levantou os olhos, surpreso. Uma garota usando jeans sujo, cabelo rastafári ruivo e uma fileira de piercings na sobrancelha o observava com os olhos apertados. Involuntariamente, Hugh ficou apreensivo. Como aquela garota sabia o seu nome? Será que ela iria pedir-lhe dinheiro? Talvez fosse um novo golpe: descobriam o nome da pessoa pelas etiquetas de bagagem, seguiam-na, esperavam a pessoa ficar vulnerável...

– Sou Jenna. – A garota abriu um largo sorriso e estendeu a mão. – Prazer em conhecê-lo!

Hugh sentiu a garganta apertar com o choque.

– Você é... a Jenna? – Ele sabia que sua voz saía como um grito incrédulo; ainda bem que Jenna não pareceu notar.

– Isso é isso aí! Desculpe o atraso. Perdi a hora fazendo compras, sabe como é.

– Não... não tem problema – disse Hugh, esforçando-se para sorrir educadamente, como se estivesse esperando uma babá que se parecesse mais com o Swampy* do que com a Mary Poppins. – Não se preocupe.

Longe de se preocupar, Jenna nem sequer estava prestando atenção. Ela atirou a mochila ao chão e sentou-se entre Octavia e Beatrice.

– Oi, meninas! Octavia e Beatrice, certo? – Ela não esperou por uma resposta. – Sabem de uma coisa? Estou com um problema. Um graaaaande problema.

– O que é? – perguntou Octavia com certa relutância.

– Excesso de Smarties – respondeu Jenna, balançando a cabeça solenemente. – Minha mochila está cheia deles. Será que vocês podem me ajudar?

De repente, ela fez surgir dois tubos de Smarties e os deu às meninas, que reagiram com gritinhos de alegria. Isso chamou a atenção de Amanda, que, ainda ao telefone, se virou para olhar e ficou paralisada ao ver os coloridos tubinhos de doces de chocolate nas mãos das meninas.

– Mas o que é... – Hugh percebeu que os olhos da esposa pousaram em Jenna, analisando seu cabelo tingido, os piercings na sobrancelha e a flor tatuada no ombro. – Quem diabos é...

* Ativista ambiental do Reino Unido, famoso por sua aparência suja e por seu cabelo rastafári. (*N. da T.*)

– Amor – interrompeu Hugh apressadamente. – Amor, esta é a Jenna.

– Jenna? – Amanda olhou para o marido, atônita. – *Esta* é... a Jenna?

– Exatamente! – respondeu Hugh com uma falsa amabilidade. – Agora estamos todos aqui. Não é maravilhoso?

– Prazer em conhecê-la – disse Jenna, estendendo a mão para Amanda.

Houve uma pausa. Então, um tanto cuidadosamente, Amanda retribuiu o gesto, cumprimentando-a.

– Como vai?

– Tudo na boa, obrigada – respondeu Jenna, sorrindo. – Suas filhas são umas fofas. Crianças ótimas. Sempre consigo identificar as boas.

– Ah – disse Amanda, espantada. – Bem... obrigada. – A voz de Penny do outro lado da linha tirou Amanda de seu estado de choque. – Ah, desculpe, Penny! Preciso desligar. Sim, está tudo bem. Eu... acho. – Ela desligou o celular e o guardou na bolsa, sem tirar os olhos de Jenna, como se a garota fosse um animal exótico.

– Eu estava explicando ao seu marido que me distraí no free shop – disse Jenna, acariciando a sacola. – Estocando cigarros e bebida.

Houve um silêncio embaraçoso, no qual Amanda olhou para Hugh contraindo a mandíbula.

– Brincadeira! – disse Jenna, cutucando Octavia, que começou a dar risadinhas.

– Ah – disse Amanda, desconcertada, tentando rir. – Bem, claro...

– Na verdade são preservativos, para quando eu sair – acrescentou Jenna em tom sério. Então seus olhos brilharam. – Brincadeira!

Hugh, que estava boquiaberto, fechou a boca, aliviado. Ele não se atrevia a olhar para Amanda.

– Então, estamos indo para Espanha – continuou Jenna com ar despreocupado, tirando da mochila dois pirulitos para as meninas. – É a primeira vez que vou à Espanha. Vamos ficar perto do mar?

– Acho que é nas montanhas – disse Hugh. – Nunca fomos lá.

– Um velho amigo de Hugh gentilmente nos cedeu a casa por uma semana – disse Amanda, séria, pigarreando em seguida. – O sommelier, Gerard Lowe. Ele é bem conhecido, imagino que você já o tenha visto na televisão.

– Acho que não – disse Jenna, dando de ombros. – Se quer saber, não gosto muito de vinho. Prefiro cerveja. E tequila, quando estou no clima. – Ela olhou para Hugh. – Você vai ter que tomar conta de mim, patrão. Quando o sol brilha e tenho um Tequila Sunrise nas mãos, ninguém me segura. – Ela desembulhou um pirulito, colocou-o na boca e piscou. – Brincadeirinha!

Hugh lançou os olhos para Amanda e conteve um sorriso. Em oito anos de casamento, ele nunca tinha visto a esposa tão perplexa.

O PERCURSO ATÉ O AEROPORTO fora péssimo: filas intermináveis de viajantes em carros, ônibus e táxis iguais aos deles. Durante o trânsito lento, agravado pela fumaça dos veículos, em que permaneceram em silêncio, Philip sentiu um frio na barriga. A cada trinta segundos ele lançava os olhos ao relógio e sentia outro espasmo de alarme. O que fariam se perdessem o voo? Será que as passagens eram

transferíveis? Será que os funcionários do aeroporto seriam prestativos e gentis ou rudes e incompreensivos? Será que ele deveria ter feito um seguro?

Apesar de tudo, eles conseguiram chegar a tempo. A funcionária do check-in da Regent Airways emitiu rapidamente os cartões de embarque e os instruiu a irem direto para o portão de embarque, explicando que não havia tempo de despachar a bagagem e que, portanto, eles mesmos teriam que levá-la.

– Bem! – dissera Chloe quando eles se afastaram do check-in. – Demos sorte! – Animada, ela acariciou o cabelo de Nat. – Não seria nada bom passarmos as férias no aeroporto, não é?

Philip a olhou, incapaz de entender como ela conseguia agir de forma tão positiva. Para ele, o que acontecera não tinha sido sorte. Parecia mais um aviso; um lembrete mostrando que, apesar de todo o planejamento, ninguém pode administrar o próprio destino; e que, às vezes, o melhor é não insistir. Mesmo agora, seguro dentro do avião, bebendo o suco de laranja oferecido como cortesia, ele ainda sentia uma inquietação, uma premonição de que algo daria errado.

Ele segurou o copo com firmeza, odiando-se; querendo se libertar da insegurança que constantemente o importunava. Queria voltar a ser a pessoa que era; a pessoa que era feliz consigo mesma. A pessoa por quem Chloe havia se apaixonado.

– Tudo bem? – perguntou Chloe, sentada ao lado dele, e ele sorriu.

– Tudo.

– Olha só o Nat.

Philip seguiu o olhar de Chloe. A família tinha sido separada em dois pares, e Nat e Sam estavam sentados al-

gumas fileiras à frente deles. Sam já estava com os fones de ouvido, olhando para a frente como se estivesse em transe. Nat, por outro lado, tinha levado estritamente a sério os avisos da tripulação e lia atenta e solenemente as instruções de segurança. Enquanto eles observavam, ele levantou os olhos da folha plastificada e, ao avistar as saídas de emergência, suspirou aliviado.

– Aposto que ele mostrou a Sam todas as portas de emergência – disse Chloe. – E ensinou como se usa uma máscara de oxigênio.

Ela sorriu afetuosamente e tirou um livro da bolsa. Philip bebeu o suco e estremeceu quando a bebida atingiu seu estômago. Ele se contentaria com um conhaque. De preferência, duplo.

Ele abriu o jornal, fornecido pela companhia aérea, mas logo o fechou novamente. Os dois haviam combinado que não haveria jornal nestas férias. No bolso da jaqueta, ele tinha um livro sobre a Rússia, mas sabia que, no estado de espírito no qual se encontrava, não seria capaz de se concentrar o suficiente para ler a história. Então, levou o copo até a boca novamente e, ao pousá-lo, percebeu que o homem sentado ao seu lado olhava para ele. O homem sorriu.

– Bebida horrível – disse o homem antes de apontar para o próprio copo. – Peça uma cerveja. Só uma.

Ele tinha um forte sotaque do sul de Londres e usava uma camisa polo Lacoste, que ficava justinha no seu peito musculoso. Quando ergueu o copo, Philip notou que seu relógio era um enorme Rolex.

– Está viajando de férias? – perguntou.

– É – respondeu Philip. – E você?

– Vou para lá todo ano – disse o homem. – Nada supera o sol da Espanha.

– Ou da Grã-Bretanha, no momento – lembrou Philip.
– É... que dizer – retrucou o homem. – Não se pode contar com isso, não é? Esse é o problema. – Ele estendeu a mão carnuda. – Muito prazer, Vic.

– Philip.

– Prazer em conhecê-lo, Phil. – Vic tomou um gole da cerveja e suspirou com satisfação. – Nossa! Como é bom viajar. Trabalho com construção. Cozinhas, extensões... Tem sido uma loucura. Temos trabalhado sem parar.

– Imagino – anuiu Philip.

– Os negócios estão indo *muito* bem. Para você ter uma ideia, deu para quitar nosso apartamento novo. Minha esposa já está lá, tomando sol. – Vic tomou outro gole de cerveja e acomodou-se confortavelmente na poltrona. – E você, Phil, trabalha em quê?

– Eu... – Philip pigarreou. – Banco. É um trabalho extremamente maçante.

– É mesmo? Que banco?

– National Southern – respondeu Philip imediatamente.

Talvez o nome não significasse nada para aquele homem. Talvez ele simplesmente acenasse com a cabeça e dissesse: “Ah, sim.”

Mas ele logo viu no semblante de Vic um vago reconhecimento.

– National Southern. Não foi esse grupo que foi comprado por outra empresa, ou algo assim?

– Exatamente. – Ele forçou um sorriso. – Pela PBL. A empresa de internet.

– Eu sabia que era algo parecido. – Vic fez uma pausa, pensativo. – E como isso está afetando os negócios?

– Ninguém sabe ao certo – explicou Philip, forçando-se a manter o sorriso. – Ainda é cedo. – Ele tomou um gole do

suco de laranja e suspirou profundamente, admirado com a própria descontração.

Mas ele estava acostumado a isso. O desdém no olhar, a testa franzida, as perguntas perplexas. Alguns faziam as perguntas inocentemente. Outros, que haviam lido além das manchetes, disfarçavam a preocupação com otimismo: “Mas *você* vai ficar bem, não vai?” E ele sempre sorria, dizendo, de forma tranquilizadora, “Eu? Claro”. Os rostos preocupados relaxavam, e ele habilmente mudava de assunto e servia mais vinho.

Mais tarde, ele se permitia trocar alguns breves olhares com Chloe. E só quando todos tivessem ido para casa, ele deixava sua máscara, cada vez mais artificial, cair, como uma fantasia em farrapos.

– Com licença – disse Vic com um gesto de cabeça. – Tenho que atender a um chamado da natureza.

Enquanto o homem se afastava no corredor, Philip chamou a comissária de bordo.

– Um conhaque duplo, por favor. – Ele notou que suas mãos tremiam e as levou à cabeça. Imediatamente, sentiu o toque da mão fria de Chloe em seu pescoço.

– Você prometeu – disse ela em voz baixa porém firme. – Prometeu não pensar nisso. Principalmente não falar sobre isso.

– O que eu posso fazer? – Ele levantou a cabeça para olhar para ela, consciente de que estava corado. – O que eu posso fazer se as pessoas começam a me questionar a respeito?

– Você pode mentir.

– Mentir? – Philip fitou Chloe contrariado. Às vezes, ela contemplava a vida de forma tão ridiculamente simples, que parecia uma criança. Pegava o lado melancólico

do mundo e via um padrão, uma ordem lógica que fazia sentido. Ao passo que ele só conseguia ver uma desordem aleatória e caótica. – Você está sugerindo que eu minta sobre o meu emprego.

– Por que não? – Chloe gesticulou em direção à poltrona de Vic. – Acha que ele se preocupa com o que você faz? Ele estava apenas conversando. Bem, converse sobre o que *você* bem entender.

– Chloe...

– Você pode dizer às pessoas que é... carteiro. Ou agricultor. Não existe nenhuma lei que diga que você tem que dizer a verdade o tempo todo. Existe?

Philip permaneceu em silêncio.

– Você tem de se proteger – pediu Chloe em tom mais suave, segurando a mão do companheiro. – Esta semana, você não trabalha em banco nenhum. Você é... piloto. Está bem?

Involuntariamente, Philip sentiu um sorriso surgir em seu rosto.

– Está bem – disse ele finalmente. – Piloto.

Ele recostou na poltrona e respirou profundamente algumas vezes, tentando relaxar. Então, olhou na direção de Sam e Nat e, para sua surpresa, viu que os meninos estavam se levantando.

– Seu conhaque, senhor – veio a voz da aeromoça, acima da sua cabeça. – São 2 libras.

– Ah, obrigado – disse Philip, e desajeitadamente procurou por dinheiro trocado no bolso. – Queria saber o que os meninos estão aprontando – disse ele calmamente a Chloe. – Eles se levantaram.

– Não vou me preocupar – disse Chloe, voltando sua atenção para o livro. – Eles podem fazer o que bem entenderem. Afinal, estamos de férias.

– Desde que não se metam em encrenca...

– Eles não vão se meter em encrenca – argumentou Chloe, virando a página do livro. – Afinal, o pai deles é piloto.

– CHAMAM DE CLASSE EXECUTIVA – murmurou Sam para Nat, enquanto os dois andavam cautelosamente pelo corredor. – E você tem direito a um monte de coisas de graça.

– Tipo o quê?

– Tipo champanhe.

– Eles simplesmente *dão* champanhe? – Nat olhou para Sam com ar cético.

– Se você pedir.

– Nunca darão a *você*.

– Ah, não? Observe.

Eles tinham chegado à frente da cabine sem dificuldades. Na frente deles, havia uma cortina azul grossa que, para Nat, significava “Dê meia-volta”.

– Tudo bem – murmurou Sam, puxando o tecido ligeiramente e olhando pela fenda. – Há duas poltronas vazias nos fundos. Vá até lá, sente-se naturalmente e finja que é um aristocrata.

– O que é aristocrata?

– Ah, você sabe como é. Do tipo que fala: “*querida*” beijo, beijo.

– Querida – murmurou Nat tentando imitar o irmão. – Sam... – Ele parou.

– Que foi?

– Não sei.

– Então vá. Não tem ninguém olhando.

Lentamente, Sam abriu a cortina, arrastou Nat para o lado de dentro e tornou a fechá-la. Em silêncio, os dois garotos sentaram nas poltronas vazias que Sam tinha visto e se entreolharam com alegria contida. Ninguém levantou os olhos. Ninguém nem sequer os notou.

– Confortável, não é? – perguntou Sam calmamente a Nat, que assentiu com os olhos arregalados.

Era como um mundo diferente, leve, tranquilo e espaçoso, ele pensou. Até as pessoas eram diferentes. Elas não gritavam umas com as outras, não davam gargalhadas estridentes ou reclamavam da comida em voz alta. Todas estavam sentadas tranquilamente; até as duas meninas lá adiante, com vestidos azuis iguais, bebendo o que parecia ser um milk-shake de morango. Nat observou as meninas durante alguns segundos, depois seus os olhos foram um pouco mais à frente e parou assustado.

Alguém os observava. Uma garota de cabelo ruivo rastafári parecia saber exatamente o que eles estavam aprontando. Parecia, Nat pensou, que ela também não fazia parte da classe executiva. Ela estava sorrindo, e quando Nat a avistou, ela ergueu o polegar. Nat desviou o olhar, apavorado, sentindo o rosto ficando vermelho.

– Sam – sussurrou ele, nervoso. – Sam, alguém nos viu.

– E daí? – disse Sam, antes de sorrir. – Olhe, vem vindo uma comissária de bordo.

Nat levantou os olhos e gelou. De fato, uma comissária de bordo vinha na direção deles e não parecia nada contente.

– Desculpe – disse ela assim que chegou bem perto dos dois. – Esta área é reservada aos passageiros da classe executiva.

– Eu sei – disse Sam com um sorriso. – Eu gostaria de beber um champanhe, por favor. E meu jovem sócio também. – Nat deu uma risadinha.

– Para falar a verdade – disse ele –, eu prefiro um milkshake. Se for possível. Como aqueles – acrescentou ele, apontando para as duas meninas de vestido azul. Mas a comissária não pareceu ouvi-lo.

– Vocês poderiam, por favor, retornar aos seus lugares? – pediu, olhando friamente para Sam.

– Estes são os nossos lugares – disse Sam. – Fomos transferidos.

A aeromoça olhou para ele como se quisesse socá-lo. Entretanto, deu meia-volta e dirigiu-se para a parte da frente do avião. Sam sorriu para Nat.

– Isso é ótimo, não é? Agora podemos contar a todo mundo que viajamos na classe executiva.

– Maneiro – disse Nat sorrindo.

– Olhe, a poltrona reclina se você apertar este botão. – Sam reclinou sua poltrona ao máximo; imediatamente, Nat imitou o gesto do irmão.

– Humm, *querido* – disse Sam, fazendo Nat rir. – Gosto tanto de viajar deitado. E você, querido. Quero dizer, por que sentar quando se pode deitar? Por que se preocupar com...

– Muito bem, meninos – uma voz os interrompeu. – A brincadeira acabou. Ajeitem a poltrona, vocês dois.

O homem que se dirigia a eles ostentava na lapela um distintivo dourado, aparentemente oficial, e segurava uma prancheta.

– Certo – disse ele, enquanto as duas poltronas moviam-se gradualmente para a posição vertical. – Quero que voltem agora mesmo para seus lugares sem uma palavra. Assim, não vou precisar incomodar os seus pais. Está bem?

Houve silêncio.

– Ou – disse o homem – podemos ir agora até eles e explicar exatamente o que está acontecendo.

Após uma pausa, Sam deu de ombros.

– Vamos, Nat – disse ele, levantando a voz ligeiramente.

– Eles não querem a plebe por aqui.

Ao se levantarem, Nat notou que todo mundo olhava para eles.

– Adeus – disse ele educadamente à garota de cabelo ruivo rastafári. – Prazer em conhecê-la.

– Adeus – respondeu a garota com um ar compreensivo. – É uma pena você não poder ficar. Ei, quer uma lembrança? – Ela se abaixou e pegou uma *washbag* em que se liam as palavras REGENT AIRWAYS. – Tome. Tem sabonete, xampu, loção pós-barba... – Ela jogou a nécessaire e Nat automaticamente a pegou no ar.

– Valeu! – disse ele satisfeito. – Olha, Sam!

– Bacana – disse Sam, examinando-a. – Bacana mesmo.

– Você quer uma? – veio uma voz da poltrona da frente.

Uma mulher idosa virou-se e entregou a Sam uma bolsa idêntica. – Fique com a minha. Não vou usar.

– Obrigado! – disse ele, com um largo sorriso. – Vocês da classe executiva são legais.

Uma risada ecoou ao redor da cabine.

– Já chega – disse rispidamente o homem com o distintivo dourado. – De volta aos seus lugares, vocês dois.

– Adeus, todo mundo! – disse Sam, acenando para todos. – *Muitíssimo* obrigado – disse ele com uma pequena medida, desaparecendo atrás da cortina.

– Adeus! – disse Nat sem fôlego. – Aproveitem o champagne. – Enquanto seguia Sam de volta à classe econômica, ele pôde ouvir outra onda de risada.

QUANDO OS DOIS MENINOS desapareceram de vista, houve um pequeno tumulto, à medida que os passageiros da classe executiva voltavam aos seus lugares e retornavam à normalidade.

– Francamente! – disse Amanda, pegando sua revista *Vogue*. – Que cara de pau. Que dizer, eu sei que é um clichê, mas esses garotos de hoje... – Ao virar uma página da revista, uma bota de pele de cobra chamou sua atenção. – Eles pensam que são donos do lugar. Você não acha? – Ela levantou os olhos. – Hugh?

Hugh não respondeu. Ele ainda olhava para o fundo da cabine, para onde os dois meninos tinham ido.

– Hugh! – repetiu Amanda, impaciente. – O que houve?

– Nada – respondeu Hugh, virando-se para ela. – É... aquele garoto. O mais velho.

– O que tem ele? Deve ser um *hooligan*. E a maneira como estava vestido... Aquela bermuda larga horrível que todos eles parecem usar hoje em dia...

Ele pareceu familiar. Seus olhos. Aqueles olhos.

– O que tem ele, afinal? – O olhar condenatório de Amanda encontrou o dele. – Você não acha que deveriam tê-los deixado *ficar*, não é?

– Claro que não! Não. É que... não é nada.

Hugh balançou a cabeça, espantando os pensamentos ridículos, sorriu para a esposa e retomou sua leitura.